

Júlia Pinheiro

UM CASTIGO EXEMPLAR

Romance

a esfera  dos livros

*À minha filha Carolina
À minha amiga Pilar Diaz
Às mulheres que combinam a força e o amor.*

NOTA DA AUTORA

Os factos narrados em *Um Castigo Exemplar* baseiam-se em factos reais. Contudo, toda a trama amorosa e ficcional é da minha única e exclusiva responsabilidade. Amélia e Henrique nunca existiram na vida real.

Peço desculpa aos habitantes de Rendufe por não ter valorizado o seu mais importante património, mas o Mosteiro da terra já estava desabitado à época dos factos narrados.

As minhas pesquisas mostraram que, em 1895, ainda não existia a licenciatura em Engenharia Química. Mas a força do progresso e o avanço da Ciência tornaram-na uma realidade na primeira década do século XX. Fica, desde já, esclarecida a falta de precisão histórica nesta matéria. Mas, como se sabe, é permitida aos autores alguma liberdade criativa.

Para esta narrativa foi indispensável a consulta das obras *História da Vida Privada em Portugal – A Época Contemporânea*, coordenada por Irene Vaquinhas; *Belle Époque, a Lisboa de Finais do Séc. XIX e Início do Séc. XX*, de Paula Gomes Magalhães; e *O Cerco da Peste do Porto*, dissertação de Mestrado em História Contemporânea, de David Pontes, publicada *online* pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Aos autores, agradeço por disponibilizarem o seu conhecimento.

Muito antes de amar o meu marido, odiei-o profundamente. Não tive alternativa, nem ninguém me ensinou outro caminho. Procurei conselho junto da minha família, entrei desesperada no confessionário para revelar a sombra que se apoderava do meu coração. Todos os esforços se revelaram em vão. Eu, como qualquer mulher do meu tempo e da minha classe, fui ensinada a fazer dos sentimentos a razão da minha existência. Não me posso sujeitar à indignidade do trabalho e não escondo que acho a caridade entediante. Só me restou o amor, o casamento e a maternidade. Como falhei estes desígnios, abracei o ódio com a ternura e o empenho com que qualquer marido gostaria de ter sido amado. Até o meu.

CAPÍTULO I



— **A**mélia, o Verão vai ser na Figueira. A menina vai comigo e com a Justina. A mãe fica no Porto com as outras criadas. Não vale a pena pedir-lhe que nos acompanhe. Não quer ir. Continua a insistir que o ar da praia a deixa fraca. Não vou passar outro Verão na canícula do Porto.

As palavras do meu pai eram lei. Em casa e no tribunal. Uma vida inteira dedicada à Justiça, ao duro labor contra a perfídia e a desonestidade. Uma carreira notável ao serviço da jurisprudência, um homem que nunca tolerou a mentira ou a falsidade. Pelo menos, nos bancos do seu tribunal. Em casa, encenavam-se os nossos pequenos dramas com a dignidade que o nosso estatuto social exigia. Claro que a mentira se aninhava no meio da nossa pequena família. Mas não era reconhecida como tal. Aquelas eram as nossas circunstâncias, uma existência segura e suave, aconchegada nos eternos achaques da minha mãe e na indómita disciplina do meu pai. Assim, fui crescendo entre a displicência de uma mulher doente e a vontade férrea de um tirano. E achava que era feliz.

Fomos, pois, para a Figueira. Foi num Verão já muito distante, em 1895. Ao segundo dia de veraneio, cruzei o caminho com o Henrique e, nesse momento, começou a nossa história. A Justina avisou-me logo de que não era um bom dia para conhecer o futuro marido. Estava frio, chuviscava e a humidade colava-se aos cabelos.

«Um dia aziago, menina, ouça o que lhe digo», rosnava a Justina, sempre disparatada e sem saber a medida das coisas. Mas foi nesse dia que tudo começou.

Na verdade, ele passou por mim sem que eu o tivesse notado. Mas tive a absoluta convicção, naquela manhã, de que o mundo ia mudar e, mais do que ter descoberto aquele que seria o dono do meu destino, eu é que havia sido vista e marcada. Para a felicidade? Efemeramente, sim. Mas no passeio público da Figueira, cruzei-me e dei a mão ao pior que existia dentro de mim. E essa é a minha verdade, aquela que tenho para vos contar.

Sou uma mulher discreta e serena. Não tenho uma beleza arrebatadora, nem nenhum traço particular que me distinguisse das outras dezenas de jovens que faziam a boa sociedade do Porto. Muito mais tarde, o Henrique confessaria que um dos aspectos que o cativou quando me viu naquele dia nevoento, foi a minha absoluta banalidade. Na altura, não percebi que estava a ser desvalorizada naquele comentário. Muito pelo contrário, senti uma ponta de vaidade porque o meu marido não me escolhera por procurar uma beleza fátua, mas sim a solidez de uma mulher abnegada e dedicada à família que teria o nome dele. De mim e do meu rosto banal ele nunca receberia nenhuma ameaça. Mulher séria não tem ouvidos e já agora deve ter decoro, pudor e a capacidade para se desvanecer na sombra do marido. Por isso, a corte de Henrique encheu-me de alegria e arrebitou de orgulho os bigodes encerados do senhor meu pai.

O meu marido e o meu casamento eram a pedra final da construção complexa que tinha sido o projecto de vida do juiz Novaes. Filho de lavradores abastados da Beira profunda, o meu pai conseguiu o feito notável de ser doutor em leis em vez de ter ficado agarrado aos caprichos da terra e ao cheiro do gado. Mais, em duas gerações ele conseguiu ultrapassar os limites da propriedade familiar, legitimar-se como homem da magistratura e casar uma filha com o descendente de um visconde, eram bênçãos inimagináveis.

– Minha filha, esta manhã, no Café Central, o doutor Segismundo informou-me de que um mancebo amigo da família dele

o abordara no sentido de saber quem é Amélia Novaes. Confesso que reagi intempestivamente à notícia. Já tens dezoito anos, estás pronta para casar, mas um rapaz andar a fazer perguntas sobre ti deixou-me alterado. O doutor Segismundo percebeu o meu desconforto e apressou-se a garantir a paz na nossa mesa do café. Fez-me uma declaração que me deixou assaz surpreendido.

O meu pai tinha este dom, esta capacidade de transformar um assunto banal numa boa história. Mas neste caso não seria necessário. Tínhamos acabado de almoçar na casa arrendada para o trimestre das férias na Figueira. Um *chalet* com velhas madeiras carcomidas pelo ar do mar, árvores enfezadas num jardim anémico, com uma nesga de vista para o oceano. Foi aqui que ouvi pela primeira vez o nome daquele que seria o meu marido.

Num princípio de tarde, com o meu pai em camisa e colete claro, debruçado sobre a mesa da sala de jantar, uma divisão escura e feia, com uma mobília usada de madeira arranhada pelos vários inquilinos estivais, que alugavam a casa a uma viúva avarenta. As cortinas de renda agitavam-se mais com o vento frio de um estio sempre tímido do que com o ritmo do meu coração ao perceber que ia saber o nome do meu pretendente. Não estou a ser hipócrita nem sonsa, duas características femininas tão acarinhadas pelos cânones sociais da época. De forma nenhuma. Eu queria esta informação. Precisava dela para legitimar sonhos e anseios. Mas não a esperava dentro de um embrulho romântico. A chegada de um pretendente era positiva e dava-me uma existência possível fora das paredes da minha casa. Uma jovem que fosse alvo da corte de alguém tinha visibilidade e tornava-se desejável para outros. Mas para mim, um pretendente tinha outra importância, passava pela possibilidade de fugir aos «dedos frios» da doença da minha mãe, aquele olhar melancólico e pegajoso da sua neura, que se fixava em mim e parecia conjecturar: «Preciso de ti para me auxiliares, para me dares carinho e atenção até à minha morte.» E cá para mim, a minha mãe estava preocupantemente saudável na sua debilidade. Via-me solteirona e sem sonhos a adejar à volta dos seus miasmas e gases. «Uma filha é uma enfermeira», dizia ela ao confessor que a visitava todas as semanas. Eu ouvia e suspirava e o padre dava-me

duas palmadinhas na mão e sussurrava: «Cada um tem a sua cruz.» Eu baixava a cabeça em sinal de obediência com o coração em fogo e com lágrimas de revolta. O padre passava pelo meu pai e voltava a sussurrar: «Uma pérola, a sua Amélia; cada um tem a sua cruz.»

O meu pai não se deixava enganar. Nem pela doença da mulher, nem pela minha abnegação. Por isso, naquela tarde na Figueira, éramos cúmplices numa forma dissimulada de desespero. O juiz Novaes não queria que a sua única descendente estiolasse no quarto da mulher enferma e eu, Amélia Novaes, sua filha, queria cumprir o meu destino de mulher: casar e ser mãe.

– Amélia, não vais acreditar no que me disse o doutor Segismundo – repetiu ele, enfaticamente, construindo o momento para uma revelação que me faria estremecer na cadeira de fundo de palhinha já gasto, sobressaltando a minha respiração, presa num vestido branco, simples, abotoado até ao queixo, com um folhinho triste. Entrei no jogo por simpatia. Todos os Verões rumavam à Figueira dúzias de jovens que procuravam um bom casamento e, através dele, um futuro e ascensão social.

O meu pai resolveu assinalar o momento acendendo um charuto, e chamou a Justina para nos trazer um vinho do porto. Enquanto ele fazia render o momento, eu questionava-me sobre quem seria o mancebo em questão. Seria o filho de um farmacêutico? Um jovem advogado ou um amanuense atrevido? Quem é que teria percebido à distância o drama de Amélia Novaes, uma virgem, uma fêmea honesta, mas sem *pedigree* ou distinção? Fingi-me inocente, dissimulada e distante. E respondi o que sempre me ensinaram.

– Oh pai, deixe-se de mistérios. Seja lá quem for, só me caso com quem o paizinho achar que é conveniente para mim.

Ele sorriu. Sabia que eu era uma mentirosa nata e nunca duvidou de que eu aceitasse as suas ordens por achar que eram justas ou que defendiam os meus interesses. Isso pouco importava. Seria como ele queria. E pronto. Encostou-se na velha cadeira, elevou o cálice de porto que a Justina trouxera desconfiada, e anunciou:

– Temos um pretendente muito interessante. Henrique Bettancourt Vasconcelos, jovem industrial de vinte e quatro anos, pretende autorização para poder conversar e visitar Amélia Novaes,

minha filha. O filho terceiro do visconde De Lara deseja frequentar esta casa.

Fiquei hirta na cadeira pouco segura enquanto o meu pai me observava com o seu olhar de «ver as almas». Era assim que ele definia a sua capacidade para discernir a verdade da mentira e na qual residia, segundo ele, a sua força de juiz. Por fim, articulei, sem muita convicção:

– O pai já o viu? É muito feio? – O meu pai largou uma gargalhada rara, um som tão pouco comum na nossa casa, e reagiu com algo parecido com ternura.

– Minha querida, porque é que o homem tem de ser feio? Só porque está interessado numa menina sem brasão e sem pergaminhos? Não te desvalorizes, minha filha. Tu és tudo o que um homem quer. Tens escrita na cara a inocência, a virtude e os bons sentimentos. Uma mulher como tu é o bilhete para um futuro de tranquilidade e segurança. Tu és a encarnação do bom senso, dos princípios e da seriedade. Este Henrique é um homem inteligente. Vaticino aqui um grande futuro a dois.

Com um gesto seco indicou à Justina que me trouxesse um cálice e que me servisse também um dedal de porto. Olhou para mim com um interesse renovado e sorriu com beatitude.

– Quem diria, Amelinha, quem diria...

Engoli o porto com aflição, pedi licença para me retirar e, de coração sobressaltado, precipitei-me para o corredor, onde encontrei a Justina. Tinha o ouvido colado à porta e um sorriso sardónico nos lábios. Justina era o que eu tinha de mais parecido com uma mãe ou uma amiga. Estava comigo desde que eu nascera. Era dura, respondona e esperta. Não me poupou.

– Prepare-se. Deve ser muito feio. Senão porque é que a queria a si? Não tive resposta. Mas nunca me esqueci desta pergunta. Até hoje.

O dia seguinte amanheceu radioso e o calor estalou no maravilhoso areal da praia da Claridade. A vila projectava-se para a linha do mar, com veraneantes e autóctones embriagados de luz, numa manhã perfeita. Resolvi ir dar um passeio com a Justina

pela fresca, já que os dias de calor na Figueira podiam ser assassinos. Não conseguiria ficar em casa todo o dia. Tinha de mostrar ao mundo o meu novo rosto, a minha nova expressão. Agora, eu não era apenas a Amelinha ou a menina Novaes. Desde o dia anterior eu transformara-me numa donzela que seria visitada e cortejada. Tenho de admitir que o meu novo estatuto me deixava exultante. Mas Justina não me dava tréguas. Enquanto nos encaminhávamos para a Praça da República, não parava de me tentar assustar:

– Menina, vai na volta é coxo ou corcunda. Prepare-se, é capaz de ter um defeito físico qualquer. Acha que aguenta uma coisa dessas? Olhe que a obra de Deus é cheia de defeitos. Na minha terra, havia um rapaz bonito como um anjo, mas que tinha um lábio fendido, parecia um buraco...

Não me dei ao trabalho de lhe responder. Tinha o coração alvo-raqado e ainda estava sob o efeito de uma noite cheia de sonhos aflitos, nos quais Henrique me aparecia e me apertava nos braços mas sem nunca lhe ver a cara ou mesmo o vulto. Ao chegar à Praça da República, identifiquei uma silhueta familiar. O meu pai levantava o chapéu de palhinha para alguém. Baixei os olhos com as bochechas a arder e sibilei para Justina:

– Vê com quem o pai está a falar... Se calhar é ele!

Justina esticou o pescoço anafado e aguçou o olhar.

– Ai menina, que é ele. O seu pai está cheio de sorrisos, a querer ser amável. Ai menina, visto daqui não é grande coisa. Parece uma pipa e tem a cara cheia de bexigas. Ai menina, que mastronço!

Não cedi à curiosidade. Uma jovem de boas famílias não procurava nada no mundo. Esperava que o mundo lhe fosse trazido. Dei um safanão à Justina e anunciei, peremptória:

– Apetece-me ver o mar. Vamos para a praia.

– Para a praia? Mas a menina tem medo do mar, está sempre a dizer que tanta água junta lhe faz aflição. E eu tenho de passar na venda e encomendar algumas coisas.

O mar cintilava à nossa frente enquanto eu me distanciava da conversa imparável da minha criada. Um aperto no peito dizia-me que era o momento para apelar à minha melhor qualidade. Eu era

um prodígio de bom senso. Essa era a melhor lição que me havia sido ensinada. Tinha de ser lúcida e adequar as minhas expectativas ao que o destino guardara para mim. «Não se pode ter tudo», murmurava eu, agarrando a sombrinha rendada, com a raiva de quem sente justamente o contrário. É claro que eu queria tudo. Queria as atenções e o desvelo de um marido socialmente invejável e também queria um rapaz bonito, um mancebo garboso que me arrebatasse. Até ao momento em que o pai falara em Henrique eu não queria nada, mas agora? Agora, era tarde. Agora, queria tudo.

Até o nome era perfeito, Henrique, enchia a boca e terminava nos lábios como um sorriso. E afinal de contas, esta designação própria de um Apolo, pertencia por direito a um ser obeso, curto de perna e com o rosto cheio de marcas de bexigas. Não era um homem, era um furúnculo.

Justina assustou-se com a minha expressão fechada e com a falta de contenção da minha atitude. Impôs a sua veia de educadora e declarou:

– Menina Amélia, que vergonha. Olhe para a sua cara. Parece uma chaleira a ferver. Vamos!

Arrastou-me para casa, sem as compras do dia, com a sombrinha torta a deixar passar o sol inclemente das onze da manhã, o vestido creme já manchado, ligeiramente rendado no corpete, a mostrar um bocadinho da linha do pescoço muito avermelhado e ofegante. Como nenhuma secreção do corpo era socialmente aceitável, Justina mortificava-se com as auréolas que apareciam debaixo das minhas axilas.

– Olhe para si, que disparate. Vá já para o quarto recompor-se do calor. Não pode andar na rua nessa figura. Imagine se encontramos o seu pai! Ele mata-me.

O jardim patético do nosso *chalet* pareceu-me ainda mais infeliz do que o habitual, Justina adiantou-se para abrir a porta, entramos carrancudas e aborrecidas. Pousei a sombrinha no mesmo momento em que a porta da salinha se abriu e o meu pai anunciou na sua voz bem timbrada:

– Amélia, ainda bem que chegou. Quero apresentar-lhe o engenheiro Henrique de Vasconcelos.

O meu coração disparou e os meus joelhos tremeram. Não era o momento para conhecer o furúnculo. Mas era tarde. O meu pai levantou a sobrancelha ao sentir a minha hesitação. E insistiu:

– Amélia, estávamos a sua espera. Venha!

Balbuciei uma desculpa e corri para o meu quarto. Mas não fui suficientemente rápida para o meu pai. Viu o meu desalinho, a minha expressão amuada e as lágrimas de frustração. Fechou a porta enquanto eu corria para o quarto e disse bem alto:

– Vá refrescar-se. Estamos na sala, a tomar um aperitivo.

A tonta da Justina correu para o quarto enquanto eu me quedava na bacia de louça, perplexa, tentando descobrir no espelho qual a cara que ia oferecer ao meu primeiro pretendente. Justina afadigou-se à minha volta. Despejou água do jarro de metal na bacia, alisou-me o cabelo e procurou a água de *toilette* em cima da cómoda. Penteada, refrescada e perfumada, Justina tentou reorganizar o meu pequeno mundo. Deu-me duas pancadinhas nas costas e rematou:

– Vá lá, menina Amélia, ao menos é filho de visconde. Podia ser pior. Quer ser solteirona a vida toda, tomar conta da sua mãezinha e ir à missa todos os dias? É isso que quer para si?

Não foi preciso responder. Nunca tínhamos falado do futuro, mas ela sabia. Saímos do quarto, eu mortificada, ela maternal. Abriu-me a porta da sala e anunciou:

– A menina Amélia Novaes.

Baixei os olhos, e entrei. Os três homens que se encontravam na sala, levantaram-se das poltronas: o meu pai, o doutor Segismundo e ele.

CAPÍTULO II



Henrique Bettancourt de Vasconcelos não era feio. Não era gordo e nunca padecera de bexigas. Era alto, alourado, com grandes olhos castanhos, lábios carnudos e um bigode insolente. Se existia algum defeito físico eram apenas as entradas pronunciadas no cabelo que vaticinavam uma alopecia precoce.

Trocámos o nosso primeiro olhar, com sentimentos completamente distintos. Ele estava trocista e sereno. Eu mal conseguia disfarçar a confusão e o alívio. Levantei os olhos sem saber que expressão compor no meu rosto anguloso, bochechas afogeadas e gotas de suor incipientes por cima do lábio superior. Fui ensinada muito cedo que nunca se mostra interesse por um homem; as donzelas deveriam parecer sempre anestesiadas de indiferença. No colégio, garantiram-nos que uma mulher respeitável revela sempre distanciamento pelo sexo oposto. Dado o meu estado de espírito tumultuado, seria impossível mostrar desinteresse. Por isso, adoptei a estratégia do olhar perdido no horizonte, colocando os olhos por cima do ombro dele, vendo-o mas sem o fitar. Deve ter sido tão artificial que a reacção dele foi de constrangimento. Por momentos deve ter pensado que eu era destituída, quase imbecil. Do calor intenso passei, vertiginosamente, para um arrepio de frio. Fiquei gelada. Não gostei daquela sobranceira disfarçada, parecida com tédio e náusea. Um sinal? De quê?

De todos os presentes só o doutor Segismundo se revelou uma alma sensível. Apiedado com o meu estado de agitação, resolveu socorrer-me, ajudando-me a sair de tão lamentável compostura.

– Oh, menina Amélia, acalme-se, senão ainda se vai finir aqui e hoje que fizemos tanta questão de a vir cumprimentar. O senhor engenheiro não falava noutra coisa.

As considerações do doutor Segismundo tinham a elegância de um jumento nervoso e uma delicadeza áspera. Não ajudaram em nada e levaram-me a ruborizar ainda mais. O juiz Novaes não mexeu um dedo para ajudar a filha. Assistia com um interesse clínico a este desastre comunicacional. E por fim, Henrique decidiu reagir.

– Menina Amélia, tão boas cores só podem querer dizer que o ar da Figueira tem-lhe feito bem. Folgo em sabê-lo. Gosta de veranear?

Um imenso vazio tomou conta da minha actividade cerebral enquanto tentava descodificar o que é que o verbo «veranear» significava. Os três homens ficaram à espera da minha resposta enquanto eu tentava não dizer a verdade. Tudo menos a verdade. Isso eu sabia. Não podia dizer que odiava a casa desconfortável, os olhares críticos das minhas congéneres nas ruas da cidade, o pequeno mundo das relações do meu pai, o doutor Segismundo cheio de caspa, o hálito acre do solicitador Gouveia, a latrina no quintal. Por isso, inspirei fundo e, com voz doce, proferi umas palavras cheias de sentido.

– Sim, um pouco, sim...

Este contributo violento e esforçado levou-me quase ao desmaio. Fiquei ainda mais transtornada por não ter uma réplica serena e com espírito. Por isso, desorientada, cravei os olhos no chão e esperei que o Henrique desaparecesse da minha vida, tal o espectáculo indigente que eu acabava de dar. O silêncio voltou a tomar conta da sala, duas moscas-varejeiras digladiavam-se na janela. Os ruídos da rua ouviram-se nitidamente. Os gritos dos aguadeiros, as crianças que brincavam no chão de areia, o trote dos cavalos e um leve murmúrio de mar.

Henrique mudou de tática e aboliu-me da conversa. Voltou-se para o meu pai e fez um declaração improvável:

– Senhor juiz, vou estar na Figueira mais um mês. Depois tenho de voltar a tomar conta dos meus negócios. Sou proprietário de

uma pequena indústria, comercializo substâncias para farmácia e higiene. Não me posso afastar muito tempo. Antes de voltar para a minha actividade, ainda tenho de passar algum tempo na quinta da minha família. O meu pai não dispensa a presença dos filhos para o início das vindimas. Todos os anos tenho estes compromissos. Posto isto, dá-me a sua permissão para visitar a menina Amélia durante o mês que resta aqui em casa, na presença de um *chaperon*? Gostaria de a acompanhar nos seus passeios pela cidade, mas provavelmente achará pouco adequado...

Hirta na cadeira, ouvi a voz bem timbrada de Henrique desenhar o resto do meu Verão e abrir um horizonte desconhecido. O meu pai deixou passar alguns segundos, o tempo estritamente exigido pelo decoro e para não parecer que existia alguma urgência em deixar a filha passear com um desconhecido. Retorquiu, com voz de tribunal:

– Bom, meu caro engenheiro Vasconcelos, deixa-me numa situação difícil. Refere, e muito bem, que pode parecer pouco adequado. Vou pedir a Amélia que nos deixe, agora. A sua presença na minha casa não pode ser entendida como alguém que nos visita por cortesia. Um homem solteiro que visita uma menina de família tem de dar garantias sobre a idoneidade do seu carácter. Sei que é um cavalheiro, mas preciso de saber quais são as suas intenções ao querer aproximar-se da minha filha. Retira-te, Amélia!

Com um gesto seco, despediu-me, levantando a cabeça leonina cheia de autoridade paternal. Deslizei na cadeira e murmurei umas palavras de despedida. Os três homens levantaram-se e esperaram que eu me ausentasse para selar o meu destino. Justina costurava as camisas do doutor juiz na copa. Quando me viu aparecer, fingiu desinteresse:

– E então, menina Amélia, que tal é o bexigoso?

Encrespei-me de indignação:

– Justina, és uma tola. Ele não é bexigoso. Tem uma pele maravilhosa, olhos castanhos cor de mel e é muito elegante.

– Ai, já está a defender a criatura. Esteve três minutos à beira dele e já está a sentir-se dona do cavalheiro. Cuidado, menina Amélia. Veja lá, não entregue o seu coração a um desconhecido. Vá devagar.

Retorqui, cheia de superioridade, à minha criada analfabeta:

– Mas quem é que falou em coração? És uma exagerada. Fiquei contente por ele não ser feio. Foi só isso.

Justina baixou a camisa de linho, pousou a agulha e disse com uma gravidade que eu não lhe conhecia:

– Atenção, menina Amélia, pode até não se apaixonar pelo homem mas pode apaixonar-se pelo amor.

Achei por bem encerrar a conversa de forma peremptória:

– Nunca ouvi nada mais estúpido. Quem é que se apaixonou pelo amor? Apaixonamo-nos por uma pessoa. Não passas de uma criada. Cala-te.

Virei-lhe as costas. A minha realidade estava a expandir-se e os desmandos de Justina não passavam de ruído. Refugiei-me no quarto, estiquei-me sobre a cama de ferro, fechei os olhos para um beijo imaginário. E disse o nome dele sem parar, como contas de um novo rosário, uma oração de amor, infinita, que me enchia os pulmões e me dava alegria. Afinal, o meu destino poderia ser outro: nem a ditadura da doença da minha mãe, nem o casamento com o primo morgado, abonado em cabeças de gado, alqueires de milho e fazendas fartas. Pelos vistos, as minhas preces pouco sinceras nas missas dominicais surtiram algum efeito. Deus, que sempre me parecera tão frio, afinal tinha um desígnio para mim. Se tudo corresse bem, eu seria a mulher de um industrial na época das luzes e aparentada com uma família de brasão e armas. Era um sonho e tinha um mês para fazer com que acontecesse.

E assim foi.

É claro que o meu pai consentiu a corte do senhor Vasconcelos e Justina foi designada como *chaperon*, à falta de melhor candidata. Na minha família não abundavam as tias solteironas e disponíveis, nem mesmo uma madrinha viúva, para fazer o gasto. Por isso, durante um mês, eu e o Henrique percorremos lado a lado as ruas da Figueira, visitámos a praia e tomámos chá no Grande Hotel com a Justina nos nossos calcanhares, vigiando qualquer transgressão às normas, um beijo fugidio ou uma mão colocada em local proibido. Tudo em vão. Henrique era um modelo de boa educação, praticava uma galanteria contida, quase distraída. Poder-se-ia pensar

que estávamos a construir uma proximidade, uma cumplicidade. Mas não. Não existia qualquer manifestação romântica, uma flor para pôr no vestido, um livro que nos permitisse falar sobre sentimentos ou estados de alma, sem ter de assumir os nossos. Nada. Em matéria literária, só obtive crítica e constrangimento. Tinha nos livros uma grande paixão e parecia-lhe bizarro que eu gostasse de ler novelas e livros sobre a vida de grandes religiosos.

– Que coisa, menina Amélia, mas nunca leu nada em francês? Só as novelas da coxinha?

– No colégio só eram permitidos livros sobre religiosos. E, de qualquer modo, eu não sei ler nem falar francês – confessei, recriminando-me por ter de assumir a minha formação burguesa.

– Não tem qualquer problema. Deixe lá isso, essa falha até a torna mais encantadora. As mulheres muito letradas podem ser insuportáveis. Um dia, quando conhecer as minhas irmãs vai perceber o que eu quero dizer.

A ideia de existir um futuro comum em que eu ia conhecer as irmãs pareceu-me tão promissor que preferi esquecer-me imediatamente que ele confundia encanto com ignorância e que isso não abonava a meu favor.

Em silêncio, ouvimos o mar, mas ele nunca procurou o horizonte nos meus olhos, nem me apertou a mão em nenhum momento em que a natureza, tão generosa, nos mostrava a beleza incandescente de um pôr-do-sol. A verdade? Ele nunca escondeu o que pretendia. Eu é que não percebi que estava a ser avaliada para ser apenas o espelho de uma personalidade que irradiava vaidade e presunção.

No dia seguinte, entre a brisa do mar e o ruído dos insectos nas arribas perto da praia, Apolo mostrava um pouco mais a sua luz. A imensa ambição, as posições políticas progressistas e o orgulho na origem familiar. Mas sobre a distinta linhagem dos De Lara, Henrique Vasconcelos cofiava o bigode e suspirava sem explicar:

– Quis Deus que eu fosse o terceiro e não o primeiro. Enfim, são as leis da vida.

Eu ouvia, deleitada, tudo o que ele tinha para me dizer, sem reparar que não perguntava nada sobre mim. Ou pelo menos, quase nada.

- A menina Amélia não tem irmãos nem irmãs?
- Não, senhor engenheiro, ninguém. Com grande pena minha e do meu pai. A minha mãe padece de uma doença que a debilita quase desde o meu nascimento.
- Tios, tias, primos? O senhor juiz tem uma família grande?
- Não, nem por isso. Um irmão que toma conta das terras da família e dois primos. Mais nada.
- As famílias pequenas por vezes têm grandes vantagens... grandes vantagens – repetia ele, sem explicar a razão. E de mim, nada mais se falou. Só dele e dos grandes sonhos para os negócios e tudo o que habitava aquela cabeça que parecia cada vez mais atraente e fascinante. E eu ouvia, extasiada. Mais tarde vim a perceber que Henrique não estava minimamente interessado no que eu pensava ou queria fazer. Ele não queria um amor ou mesmo uma mulher por quem se pudesse apaixonar. Ele queria uma esposa. O que era algo inteiramente diferente.
- O meu futuro profissional está decidido. Serei um dos maiores industriais deste país. Sou o mais bem-sucedido dos cinco filhos do meu pai, justamente aquele por quem ninguém dava grande coisa.
- Soltou esta declaração com a voz baixa, mostrando pela primeira vez uma fraqueza, um lado sofrido de um carácter que parecia ser todo virado para a vitória. Arrependeu-se e calou-se.
- Foram precisos mais alguns dias e um concerto no coreto com a banda do Exército, para o deixar suficientemente à vontade e espreitar o que seria o lado mais íntimo do menos considerado dos rebentos do visconde De Lara. O lusco-fusco deitava sombras nas casas, os acendedores de gás andavam pelas ruas, dando vida aos candeeiros públicos e Henrique assobiava baixinho uma ária de Puccini.
- Não poderia viver sem música. Nunca perco uma récita no S. João, no Porto. Puccini e nunca Verdi, Chopin para o serão e nada alemão. Uns *Lieder* e pouco mais. Tanta melancolia faz mal à alma.
- Eu sorri, feliz, com a Justina, mal-humorada atrás de mim, farta de passeios, chás e música de fanfarra, batendo com os botins no chão, levantando poeira do chão seco.

– Em casa, ouvimos muita música. As manas tocam bem e a mãe na juventude era conhecida por ter uma voz belíssima. Eu também cantei em criança, infantilidades apoiadas pela minha mãe. O visconde não gostava. Os De Lara têm uma virilidade lendária, só podemos gostar de cavalos, armas, caça e alguma boémia. Ainda bem que o primeiro filho dos meus pais saiu assim.

Olhou para mim, avaliando a minha atenção. O ar estava cálido, as andorinhas silvavam à nossa volta, bêbedas de calor. Na rua, apenas passavam veraneantes como nós. O momento era propício para confidências. E talvez para algo mais.

– O meu pai, o visconde, só teve olhos para o primogénito e para o mano padre. Tenho duas irmãs à espera de casamento e restava eu, que nunca recebi nada. Pouco afecto, pouca atenção e a reprovação paternal quando me interessei pela Química e frequentei a Escola Politécnica de Lisboa. Nem sequer lhe ofereci uma carreira de lente para os lustros familiares. Ainda me olha cheio de desconfiança, porque não dependo das rendas da família.

Pobre Henrique, um lutador numa família que desprezava o trabalho. Apeteceu-me beijá-lo mas não seria próprio. Por isso, limitei-me a dar-lhe umas pancadinhas na mão. Ele não retribuiu o gesto, nem sequer se mostrou agradado com a minha ternura. E assim acabava mais um dia. Sem um beijo, um toque no cotovelo ou mesmo um roçar de ombros. Passara quase um mês.

Eu descobria em mim novas facetas. Não me sabia impaciente nem impulsiva. E muito menos com propensão para a sensualidade. Mas agora, a presença de Henrique intoxicava-me, deixava-me inebriar pelo cheiro da loção de barbeiro e fazia-me sonhar com o beijo que aqueles lábios macios saberiam dar. Já não queria aprender mais nada sobre composições químicas, o advento da medicina moderna. Nada disso já me interessava. Uma única pergunta queimava-me o espírito. Não conseguia entender o interesse dele em caminhar ao meu lado, segurar-me a sombrinha quando eu ajeitava o xaile e não me dar o menor sinal de paixão ou interesse amoroso. Como era possível que nunca me tivesse escrito um bilhete? E por isso, um dia, sentados nas cadeiras de verga no varandim do *chalet*, não conseguí esperar mais e perguntei:

– Engenheiro Vasconcelos, os nossos passeios e as nossas conversas são muito agradáveis. O meu Verão está a ser muito melhor desde que frequenta a nossa casa, mas diga-me: com tantas jovens nos salões do Porto e mesmo aqui na Figueira, porque é que quis conhecer-me?

Esta era a deixa formal para um avanço mais empenhado e sobretudo um pedido de resposta para um coração que estava claramente à espera de um rumo. Aguardei ansiosamente, olhando fundo, como nunca o fizera, para aqueles lindos olhos cor de mel.

– Menina Amélia, não imagina a quantidade de jovens enfatuadas e tolas que eu conheço. Bastou-me olhar para si uma única vez para perceber que tipo de mulher estava à minha frente. Foi exactamente há um mês e meio que a vi, no areal, num dia de névoa e chuva, com a Justina trapalhona atrás de si, e achei-a perfeita.

Será possível um corpo passar do estado sólido para o líquido sem nenhuma passagem pelo calor ou pelo frio? Liquefeita por dentro, extasiada de emoção, resolvi ser atrevida e forcei:

– Perfeita, para quê? Diga-me!

E ele disse. Mas não exactamente o que eu esperava.

– Ora, que pergunta. Perfeita na sua singeleza e modéstia. Estava ali no meio da tormenta e nada parecia abalá-la. Firme, mas sem se impor. Segura e expectante. Sem artifícios ou sofisticação. Foi isso que me fez querer conhecê-la.

Como era frequente nas nossas conversas, não tive resposta para uma tirada tão pouco romântica. Baixei a cabeça, olhei para as minhas mãos despidas de anéis, tão pouco sofisticadas como a dona, e contive um soluço de desalento. Esperei um consolo, um gesto, mas em vão. Insensível, puxou de uma cigarrilha e pediu à Justina um copo de água fresca. Ainda acreditei que a água fosse apenas o pretexto para que, sem a presença da criada, ele tivesse um gesto verdadeiramente arrebatado. Mas não. Recebeu a bandeja de encanado rústico com o copo de água, ajeitou o colete e o casaco. Pouco depois, levantou-se, galante, apertou-me a mão, tocando ao de leve com o bigode na minha pele, levantou o chapéu de palhinha e anunciou que estaria de regresso no dia seguinte.

Vi-o partir, perplexa. Ele tinha a capacidade de me deixar assim, suspensa num estado de espírito agitado, sempre insegura e longe de qualquer tipo de alegria. Era como se a presença dele me legitimasse e a sua ausência fosse uma espécie de castigo por não ter conseguido fazê-lo ficar mais tempo. Eu era pouco, mas podia ser muito, desde que o olhar dele estivesse pousado em mim. Mas se ele não estava para me iluminar, eu não tinha qualquer luz. A ingenuidade própria dos meus dezoitos anos não me permitiu elucubrar mais. Quando entrei em casa, levava um peso no peito e uma pergunta nos lábios: «Aquilo é que era o amor?»

Nessa noite, o meu pai exigiu respostas. Sentados na salinha, após o jantar, o juiz Novaes inquiriu:

– Então, Amélia? Os passeios com o engenheiro têm sido agradáveis? Deduzo que sim, dado que ele não larga a porta de casa. Parece-me um bom sinal. Ele não disse que queria falar comigo?

– Não, pai, não falou em nada.

– Só isso? Não falou em nada? Mas em que estado é que estão as coisas? Vamos ter noivado ou não? Espero não me arrepender de o ter deixado conversar contigo.

– Não há noivado nenhum. Ele é muito respeitador e fala muito sobre os negócios e a família. Pouco mais. Não sei que sentimentos tem por mim.

– Isso é bom, muito bom. Fala na família e negócios, ainda bem. É um homem muito industrial. Tem já um negócio com porta aberta e dizem-me que tem cabeça. Pertence a uma família de excelente origem, minha filha. Imagina, solar em Viseu, palacetes em Lisboa e no Porto. Gente com antepassados, brasão na porta. É claro que tudo isso irá para o primogénito. Mas tem relações, berço, minha filha, gente que nunca passou fome e que pode fazer de ti uma privilegiada. Mas um mês de conversas é mais do que suficiente para dar um sinal sobre o que pretende fazer a seguir. Espero não me arrepender de o ter deixado aproximar-se de ti. És muito inexperiente. Não estou habituado a estas situações. Escrevi à tua mãe a explicar-lhe os factos e ela não me deu ajuda nenhuma. Faltam-lhe as forças para fazer um bom juízo, foi o que ela escreveu de volta. E a mim, falta-me a paciência. Deu-te algum presente?

- Não, pai.
 - Ofereceu-te uma flor? Um santinho? Uma renda?
 - Não, pai.
 - Trocaram bilhetes?
 - Não, pai.
 - Meu Deus, rapariga, nada? Roubou-te uma luva, um lenço, uma fita?
 - Que eu tenha dado conta, não. Odeio usar luvas, as fitas que a Justina me põe são tão apertadas que nunca caem e os meus lenços são tão feios que nunca saem da malinha.
 - Como é que te trata? Já se tratam pelo nome?
 - Não, meu pai. Eu sou a menina Amélia e ele é o engenheiro Vasconcelos.
 - Amélia, se isto não acabar bem, suspeito que a culpa é tua.
- Atirou com o jornal para o chão e saiu porta fora.
Eu achei que ele tinha razão e desatei a chorar.
- No dia seguinte, chegaram duas cartas. Uma para mim, outra para o pai. Mas o Henrique nunca mais voltou.